

## **Apontamentos de antropologia filosófica afrodiaspórica das Congadas no Brasil**

### *Notes on aphyrodiasporic philosophical anthropology of the Congadas in Brazil*

*Vanilda Honória dos Santos*

Doutoranda em Teoria e História do Direito pelo Centro de Ciências  
Jurídicas/UFSC. Mestra em Filosofia Social e Política/UFU.

**RESUMO:** O presente texto objetiva apresentar as reflexões iniciais do projeto que visa tecer uma antropologia filosófica das Congadas no Brasil. Trata-se de um exercício de filosofia afrodiaspórica. O intuito é buscar responder à seguinte questão: Que filosofias alimentavam as memórias e histórias presentes nos rituais e na organização dos antepassados africanos ao reinventarem a humanidade de si mesmos após desmanche de suas unidades culturais com a escravização e a diáspora africana? A hipótese delineada é da existência de um humanismo afro-referenciado, fundamentado nas matrizes epistemológicas das filosofias *Ubuntu* e *Axé*, presentes na tradição oral das Congadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA;  
AFRODIÁSPORA; CONGADAS; UBUNTU; AXÉ.

**ABSTRACT:** This text aims to present the initial reflections of the Project that aims to weave a philosophical anthropology of Congadas in Brazil. It is an exercise in aphyrodiasporic philosophy. The purpose is to answer the following question: What philosophies fueled the memories and stories present in the rituals and organization of African ancestors by reinventing humanity of themselves after dismantling their cultural units within slave mentand african diaspora? The hypothesis outlines the existence of an Afro-reference dhumanism, whose foundation is the epistemological matrices of the Ubuntu and Axé philosophies, present in the oral tradition of the Congadas.

**KEYWORDS:** PHILOSOPHICAL ANTHROPOLOGY; APHRODIASPORA;  
CONGADAS; UBUNTU; AXÉ.

## INTRODUÇÃO

*Venho dos congos de Angola,  
não sei quanto tempo foi,  
quando foi que cheguei aqui,  
mas foi um tempo muito longe,  
longe dessa matéria  
que carrego aqui.*  
(Dona Gessy – Mãe de Santo+)

O presente texto<sup>1</sup> objetiva apresentar as primeiras reflexões que integram um projeto intelectual mais amplo, de tecer/criar uma antropologia filosófica das Congadas no Brasil, compreendido como um exercício de experimentação em filosofia afrodiaspórica. O referido projeto em andamento tem como intuito responder à seguinte questão: Que filosofias alimentavam as memórias e histórias que se manifestavam nos rituais, nas simbologias, na organização, nos causos, ditados e atitudes dos nossos antepassados enquanto reinventavam a humanidade de si mesmos após o grande desmanche de suas unidades culturais, com a escravização e a diáspora negra forçada?

A hipótese delineada é da existência de um humanismo afro-referenciado, que se fundamenta nas matrizes das filosofias *Ubuntu* e *Axé*. Neste primeiro momento, serão abordadas as bases filosóficas e epistemológicas que podem embasar uma compreensão da construção da humanidade dos povos africanos, que a partir da diáspora forçada chegaram ao Brasil, e aqui reinventaram, ressignificaram sua própria humanidade em meio à luta contra a escravização e pela liberdade. O ressignificar assume o sentido de sobreviver (BRASILEIRO, 2009).

---

<sup>1</sup>Esta reflexão teve início a partir do diálogo com o amigo e filósofo Ivo Queiróz (UFTPR), sendo que a partir de suas provocações tenho desenvolvido essa perspectiva de análise. As inquietações começaram ainda no ano de 2012, quando me apresentou a Filosofia Africana, juntamente com os filósofos José Benedito de Almeida Júnior (UFU) e Renato Nogueira (UFRRJ).

A metodologia utilizada parte inicialmente da categoria *intersubjetivação*, proposta pelo filósofo moçambicano José P. Castiano (2010), segundo a qual se dialoga a partir de diversos saberes e conhecimentos de perspectivas africanas e ocidentais, levando em consideração que não se trata de uma abordagem etnocêntrica, mas dialogada, portanto, sem hierarquizações e dicotomias. Em seguida, além disso, adota-se como eixo norteador a filosofia afroperspectivista desenvolvida pelo filósofo afro-brasileiro Renato Noguera (2011, 2012), cujo sentido nos leva a adotar um “conjunto de pontos de vista, estratégias, sinônimos e modos de pensar e viver de matrizes africanas” (NOGUERA, 2012.). Para além de uma reflexão teórica, trata-se também de uma pesquisa empírica, uma vez que tem como fontes primárias entrevistas e produções culturais e artísticas de mestres congadeiros e mestras congadeiras, e de experiências da autora com a manifestação da Congada durante três anos.

Por esse prisma, a concepção de antropologia filosófica adotada é muito bem exposta pelo filósofo brasileiro Lima Vaz (1991), constituindo-se como a elaboração de uma ser humano que tenha em conta os problemas e temas presentes ao longo da tradição filosófica, e de igual forma as contribuições e perspectivas abertas pelas ciências do homem. Merece destaque o fato de que o filósofo Lima Vaz pensa o humano a partir da tradição filosófica ocidental. Enquanto aqui, será abordada a perspectiva da investigação sobre o que é o homem levando em consideração a perspectiva antropológica de viés africano, que estuda o homem como ser pluriversal, segundo referenciais e as experiências africanas e afrodiáspóricas, cujos fundamentos são cunhados segundo a tradição oral. Um referencial basilar para esta reflexão é Amadou Hampaté Bâ, em seu texto *A Tradição Viva*, que compõe o primeiro volume da *Coleção História Geral da África* da Unesco.

A delimitação espaço-temporal restringe-se à afrodiáspora. O termo *afrodiáspora* pode ser compreendido conforme aponta Noguera:

Por afrodiáspora se deve entender toda região fora do continente africano formada por povos africanos e seus descendentes, seja pela escravização entre os séculos XV e XIX, seja pelos processos migratórios do século XX. Ou seja, considerando a divisão do continente africano em cinco regiões – África Setentrional, África Ocidental, África Central e África Meridional -, podemos nomear aqui a reorganização em outros continentes como a sexta região, a afrodiáspora: a “África fora do continente”, sua cultura e sua história. (NOGUERA, 2014, p. 40).

Cabe ressaltar que a afrodiáspora contempla os processos de escravização, a colonização, as migrações forçadas e os desmantelamentos das estruturas políticas no continente africano impetradas por povos árabes e europeus sobre os povos negro-africanos desde o século VIII, e para, além disso, as migrações forçadas de pessoas escravizadas para a Europa e as colônias, as relações entre as elites europeias e classes dirigentes africanas e as relações étnico-raciais nos países da América (NOGUERA, 2014, p. 41-41). Desse modo, a concepção de afrodiáspora é adequada à reflexão aqui proposta.

O conceito de *Ubuntu* será abordado a partir das concepções dos filósofos Mogobe Ramose (1999a, 1999b) e Renato Noguera (2012, 2014). O conceito de *Axé* é aqui adotado conforme desenvolvido pelo filósofo afro-brasileiro Ivo Queiróz (2003) e por Santos (1998). Ainda na fundamentação teórica, serão apresentados os conceitos de *Congada* e *Congado* conforme o historiador, mestre congadeiro e *Comandante Geral* da Festa da Congada de Uberlândia/Minas Gerais, Jeremias Brasileiro<sup>2</sup> (2001). A figura do *Comandante Geral* ou

---

<sup>2</sup> Um intelectual afro-brasileiro reconhecido na obra de Eduardo de Oliveira: **Quem é quem na negritude** Brasileira (Ministério da Justiça, 1998), que lista biografias de 500 personalidades negras no Brasil; e na obra de Nei Lopes: **Dicionário Literário afro-brasileiro** (Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011). Detentor de um dos maiores acervos digitais sobre as Congadas de Minas Gerais, constituído desde a década de 1980, historiador com vasta experiência e

*Embaixador* exerce uma função ritual durante a celebração da Festa da Congada de diversas cidades mineiras, podendo ser equiparada à categoria de *Embaixadores* e *Cortesãos*, como será explicitado à medida que o texto abordar os *griots*. Nas Congadas realizadas na região Nordeste do país, a pessoa que exerce essa função é denominada de *Embaixador*.

Por conseguinte, será feita uma reflexão com base na realidade empírica da manifestação cultural e religiosa da *Congada*, delimitada a análise da manifestação que ocorre na cidade de Uberlândia no Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, tendo como aportes basilares o culto aos ancestrais, os rituais, os instrumentos, a confecção de instrumentos e as cantorias. A oralidade é considerada fundamental, uma vez que o aporte teórico será enriquecido pelos depoimentos de mestres e mestras congadeiros(as), que são portadores da tradição viva e da ancestralidade. Trata-se da oralitura, como um conjunto de textos orais que são relatados e transmitidos de geração a geração, devendo-se observar que não se trata de uma oposição ou hierarquia entre a oralidade e a escrita, mas sim de uma relação de equivalência (NOGUERA, 2014, p. 64-65).

A constituição do ser humano para o africano está viva na tradição histórica oral, presente na manifestação da Congada no Brasil. Assim como Hampaté Bâ (2010, p. 167) explicita acerca do patrimônio oral africano, em relação ao Congado, é possível perceber que essa herança está presente, ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de depositários desse saber. Portanto, o projeto colonial de promover o completo epistemicídio, em certa medida, não obteve êxito, uma vez que a experiência humana na afrodiáspora criou formas de resistência à desumanização, tornando possível a criação do bem-viver.

---

produção científica sobre ritualidades, simbologias, coexistências culturais e religiosas em oposição ao conceito de sincretismo, escritor, poeta, com textos de dramaturgia, crônicas, literatura afro-brasileira.

## Filosofia *Ubuntu*

Para abordar a filosofia *Ubuntu*, faz-se necessário discorrer brevemente sobre o significado da tradição oral. Trata-se de uma concepção ampla do termo *oral*, uma vez que a tradição oral africana não se restringe a histórias, lendas e relatos mitológicos ou históricos sob a responsabilidade dos *griots*<sup>3</sup>. É importante destacar também que os *griots* não são os únicos guardiões transmissores e qualificados desse saber (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Conforme a tradição oral africana, não há dicotomia entre o material e o espiritual, ou seja, não estão dissociados. Desse modo, ela se constitui como uma unidade primordial que conduz o homem à sua totalidade, compreendendo uma presença particular de mundo e ao mesmo tempo como um todo onde todas as coisas se religam e interagem, integrando a religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169). Lamentavelmente, diversas interpretações de cunho ocidental sobre as manifestações culturais de matrizes africanas, e aqui interessam as afro-brasileiras, sobretudo o Congado e as Congadas, apontaram de forma distorcida apenas o aspecto de divertimento e recreação na maioria das vezes associados ao folclore. O aspecto negativo desse *folclorizar* é exposto por Eduardo de Oliveira no texto *Epistemologia da ancestralidade*: “é reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas, via de regra, alheias ao contexto que produziu essa cultura. Uma estratégia de dominação efetiva é alienar do

---

<sup>3</sup>Os *griots* classificam-se em três categorias: 1) os *griots músicos*, que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã, etc. Normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores e compositores; 2) os *griots embaixadores* e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em casos de desavenças. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa; 3) os *griots genealogistas*, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 193).

sujeito cultural sua possibilidade de produzir os significados sobre seus próprios signos idiossincráticos” (OLIVEIRA, p. 1).

De acordo com o filósofo sul-africano Mogobe Ramose (1999b, p. 1), a existência do africano é fundamentalmente inseparável do *Ubuntu*, sendo este considerado como fonte da qual flui a antologia e a epistemologia africana, isto é, a base da filosofia africana. O termo de língua banta *Ubuntu* é formado pelo prefixo *ubu*, que significa existência em geral, e a raiz *ntu*, quando a existência assume uma forma concreta, um modelo de ser. Dito de outro modo, *ubu* pode ser considerado um vir a ser, uma ideia em movimento, e *ntu* é um nome, a materialização do vir a ser. Noguera (2012, p. 147) acrescenta que *Ubuntu* é uma “maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária, antirracista e policêntrica”.

O termo *ntu* equivale ao *umuntu*, o ser humano criador de política, religião e lei, e que comunica a partir da fala. Ramose (1999b, p. 3) acrescenta que o *umuntu* sem a fala é condenado ao silêncio. Nesse ponto estabelece-se uma intrínseca relação com a cultura da oralidade e o modo como o ser humano se manifesta e se constitui enquanto tal na tradição oral do Congado. A partir do *Ubuntu*, o ser humano afirma sua humanidade por reconhecimento da humanidade de outros, e sobre essas bases estabelece relações humanas com outros. Tal abordagem resume-se em *Eu sou porque nós somos*.

Mogobe Ramose (1999b, p. 10) expõe a concepção de Ser africano em suas três dimensões, sendo estas importantes para compreender a reconstrução do humano dos antepassados africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil durante a diáspora negra: a) *vivência – umuntu*: que torna possível o discurso e o conhecimento do ser; b) *seres que passaram longe do mundo dos vivos*: participam do mundo dos vivos através da morte (mortos-viventes, ancestrais, imortais); c) *do ainda não nascidos*: seres do futuro.

É responsabilidade dos vivos fazer com que o vir-a-ser-nascido se torne ser nascido, isto é, aqueles que vivem no presente são responsáveis pelo futuro, além de zelarem também

pela memória dos antepassados. Essas três dimensões constituem os três níveis da existência humana na filosofia *Ubuntu*, que embora possam apresentar variações em outras etnias, conservam sua essência, de ser harmonia cósmica (RAMOSE, 1999b, p.11). De acordo com Nogueira (2012, p. 147), o termo *Ubuntu* é compartilhado com a mesma grafia e transcrição fonográfica para quatro grupos étnicos: Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu. Outros povos têm palavras com o mesmo sentido *bantu*, contudo grafadas de forma diferente.

O *Ubuntu* tem fundamental relevância na reflexão aqui proposta, pois pensar a maneira como os africanos escravizados e seus descendentes na afrodiáspora se reinventaram enquanto seres humanos no Brasil é pensar sobre o nefasto processo de desumanização promovido pelo Ocidente colonizador e escravista, e para além disso, as suas formas de resistência e de luta pela liberdade. A concepção de Oliveira (2019, p. 118) agrega a esta reflexão ao afirmar que “[...] o pensamento africano, em sua totalidade, é elaborado em torno de um eixo que perpassa e sustenta a filosofia e toda a história da África e dos africanos. Esse eixo único é a liberdade!”

Nas palavras de Nogueira (2012, p. 2): “a desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas”. A filósofa Katiúscia Ribeiro Pontes (2017a) faz uma importante reflexão acerca da constituição da humanidade segundo a tradição ocidental. Desde Platão, a racionalidade foi instituída como a única forma de constituição da vida, resultando em uma filosofia colonial que demonstra quem é o ser capaz de racionalidade. Há um empenho em humanizar uns e desumanizar outros, obviamente, os africanos, isto é, “com Platão, não nasce apenas a ideia de racionalidade de mundo, mas também o modelo de homem, o modelo legítimo”, este que deve ser estudado e referenciado para o mundo.

Acerca das consequências dessa desumanização para a constituição do humano e da possibilidade de uma filosofia africana e afro-brasileira, Pontes (2017b, p. 50) acrescenta que a

“desumanização do homem africano elimina por completo sua capacidade racional, a zoomorfização destina a esse homem a incapacidade de produzir pensamento cognitivo ao alcance da filosofia, logo, não é possível pensar filosofia fora do eixo europeu, referência principal da racionalidade humana”.

Estas primeiras reflexões têm como problematização também a questão: *Onde e como encontrar essa filosofia?* O filósofo Omoregbe apresenta um caminho seguro para acessar a filosofia de origem africana:

[...] nós temos fragmentos de suas reflexões filosóficas, e suas perspectivas foram preservadas e transmitidas por meio de outros registros como mitos, aforismos, máximas de sabedoria, provérbios tradicionais, contos e, especialmente, através da religião (...) Além das mitologias, máximas de sabedoria e visões de mundo, o conhecimento pode ser preservado e reconhecido na organização político-social elaborada por um povo. (OMOREGBE, 1998 apud NOGUERA, 2014, p. 74).

A proposta de reflexão aqui compartilhada está pautada na filosofia *Ubuntu* e no *Axé*, estando de acordo com Noguera (2014, p. 74) ao afirmar “advogo a perspectiva de que as diversas culturas tradicionais são condições de possibilidade, como diz Omoregbe, para compreendermos a produção filosófica desses povos”.

## **O Axé como energia vitalizadora e civilizatória**

Conforme já anunciado, a oralidade é constitutiva da tradição histórica africana, sendo a palavra elemento de grande potência e que “se adquire tal poder de ação é porque ela está impregnada de *Axé*, e que carrega a carga histórica e pessoal daquele que a profere (SANTOS, 1998, p. 46). Mas o que é o *Axé*?

O *Axé* é uma expressão advinda dos povos yorubás ou nagôs. Esses povos são originários do Reino de Daomé e formaram a maior parte dos nagôs em território brasileiro a partir do sequestro entre os séculos XVIII e XIX. Segundo a tradição yorubá, *Axé* significa poder sobrenatural, uma força propulsora que permite a existência, isto é, a crença em um princípio transcendental gerador de tudo que existe. A existência é formada por duas dimensões: a) *aivé*: o mundo e b) *orun*: o além (Queiroz, 2003, p. 122). Ainda segundo Queiroz (2003, p. 123): “A pessoa vive no *aivé* e para estar na harmonia do mundo da vida – suas relações sociais, sua vivência da cultura e a sedimentação da personalidade – deve crescer na energia doadora de sentido a todas as coisas, o *Axé*”.

A energia do *Axé* se manifesta a partir das palavras pronunciadas, caracterizando assim um ritual. É possível perceber a força que emana das palavras no ritual da Congada em suas mais diversas formas de manifestação, sobretudo a partir das cantorias, demandas, confecção e manuseio dos instrumentos em louvor aos santos e aos ancestrais. Nesse contexto:

Cada palavra é única. Nasce, preenche sua função e desaparece. [...] A expressão oral nasce constantemente, é produto de uma interação em dois níveis: o nível individual e o social [...], comunica de boca a orelha e a experiência de uma geração à outra, transmite o *Axé*, concentrado dos antepassados a gerações do presente. (SANTOS, 1998, p. 47).

O movimento que caracteriza essa manifestação exemplifica o processo de retorno aos ancestrais, a afirmação do presente e ao mesmo tempo a construção da possibilidade de um futuro desenvolvido a partir da experiência negra na afrodiáspora.

## A tradição afro-brasileira do *Congado* e da *Congada*

Adotam-se para esta reflexão as terminologias *Congado* e *Congada*. A primeira diz respeito à manifestação cultural e religiosa em si, que representa a celebração do reinado africano no Brasil, e que se manifesta de formas variadas conforme a região. A segunda corresponde ao ritual de celebração da herança ancestral, a festa, que ocorre mediante a manifestação dos elementos dos ritos ancestrais africanos e ao mesmo tempo dos ritos do catolicismo popular.

O *Congado* é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei do Congo e depois cristianizado, por influências jesuíticas, mimetizou-se e paralelizou-se dentro da fé popular brasileira. (BRASILEIRO, 2001, p. 12).

Esse processo é denominado por Brasileiro (2018a) de *coexistência cultural e religiosa*, em oposição ao conceito de sincretismo, que hierarquiza as representações africanas e afro-brasileiras subsumindo-as aos elementos católicos: “O *Congado* é uma manifestação pública de fé inserida no catolicismo popular, que mantém suas dinâmicas próprias de coexistência cultural e religiosa” (BRASILEIRO, 2018a, p. 1).

Em relação ao fato das *Congadas* representarem um reino africano no Brasil, traduz-se da seguinte maneira: cada grupo de *Congado* representa uma nação africana, que teve seus povos e seus reis capturados e trazidos como escravizados para as Américas, e aqui mesmo diante de todas as atrocidades a que foram submetidos, que visavam destruir a humanidade dos sujeitos, se rebelaram, resistiram e se reconstruíram. A história oficial do colonizador conta a história dos afro-brasileiros a partir da escravidão, contudo essa deve ser contada a partir dos antepassados e dos ancestrais em África, e o ritual das *Congadas*

é a manifestação real e concreta da resistência e existência de liberdade possível em terras brasileiras.

Segregados pelo racismo cristão, os escravos buscam a memória dos *griots* velhos detentores das tradições históricas africanas – uma forma de preservar aspectos básicos do viver antepassado em comunidade tribal e impossibilitados de frequentar a Igreja ariana brasileira, os negros aglomeravam-se nos terrenos em volta das paróquias e criam ritos religiosos impregnados de dança, cantoria e festividade coletiva. Em seguida redimensionam alguns valores culturais, instituindo um reinado capaz de reverenciar os espíritos dos ancestrais. (BRASILEIRO, 2001, p. 21).

Surgem no Brasil, desse modo, as Igrejas do Rosário, frequentadas pelos negros escravizados, libertos e livres. As principais denominações são Igrejas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito ou Igreja de Santa Efigênia. No caso, de Uberlândia, em Minas Gerais, em 1871 foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje localizada no centro comercial da cidade na Praça do Rosário, onde a Festa da Congada é realizada há mais de 140 anos (SANTOS, 2017).

No mesmo contexto são formados os quilombos<sup>4</sup> e fundadas em diversas regiões brasileiras as Irmandades Negras, que congregavam negros escravizados, forros, libertos, livres e os denominados mulatos. Eram diversas as denominações,

---

<sup>4</sup>São as denominadas *terras de preto*, comunidades negras urbanas ou rurais. Na atualidade muitas comunidades preservam a manifestação da Congada e a tradição oral, por exemplo, a Comunidade dos Arturos, em Contagem/Minas Gerais. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoos/patrimonio-cultural-protetido/bens-registrados/details/2/2/bens-registrados-comunidade-dos-arturos>. Acesso em: 12/01/2020. Outro exemplo é o Bairro Patrimônio, em Uberlândia/ Minas Gerais. Veja-se: SANTOS, Vanilda Honória dos. **Os direitos dos povos e comunidades tradicionais: quilombos no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – Minas Gerais**. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24012>. Acesso em 12/01/2020.

“Irmandades do Rosário dos Homens de Cor”, “Irmandades do Rosário dos Homens Pretos”, entre outras. As Irmandades já eram proeminentes em Portugal durante os períodos colonial e imperial, e se tem notícias de Irmandades religiosas também em África, antes da afrodiáspora forçada pela escravização. Acerca dessa questão, Jeremias Brasileiro contribui com a seguinte explicação:

Assim, tem-se notícias de uma “irmandade dos homens pretos” na ilha de São Tomé e Príncipe por volta de 1525 e outras Irmandades no Reino do Congo, na Província de Angola e em Moçambique durante o século XVII. Interessante, porém, lembrar que foi bem antes, na primeira década do século XV que a Corte do Rei do Congo aderiu às irmandades. Dessa forma é possível concluir que as irmandades também podem ter vindo da África para o Brasil com os escravizados já cristãos e não somente da Europa para o Brasil colonial. (BRASILEIRO, 2012a, p. 59).

Logicamente, estas reflexões iniciais não objetivam dar conta da riqueza e complexidade que exige abordar as Irmandades Negras no Brasil. Optou-se por delimitar o espaço de discussão ao fato de que as irmandades representam uma das mais ricas formas de reorganização social recriada pelos africanos na afrodiáspora. Mesmo que tenham surgido inicialmente sob a tutela eclesiástica com o intuito de controlar as possíveis insurgências e de submeter os negros escravizados e livres ao catolicismo, acabaram se constituindo como importante espaço de resistência e de luta pela liberdade. Portanto, não são unicamente instituições religiosas, mas, sobretudo, instituições políticas, que em grande medida contribuíram para a afirmação da humanidade dos africanos e seus descendentes.

Considerando que o ritual da Congada se apresenta a partir da celebração festiva com a participação dos grupos de dançadores ou nações, delineiam-se aqui as características desses grupos no estado de Minas Gerais, sobretudo no

Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, onde se localiza a cidade de Uberlândia, conforme Brasileiro (2001, p. 39).

**Moçambique** - Esse termo surgiu com os pretos pés descalços, genuínos escravos africanos; de música e ritmo cadenciado, sua cantoria é profundamente religiosa e tem nos seus instrumentos básicos a zabumba, a patagoma, gunga, xique-xique, etc. O mastro só é erguido com a presença do Moçambique e em sua ausência, o terno de Catupé fica sendo o responsável.

**Catopês**- os atuais Catupés, aparecem ao mesmo tempo em que são criados os moçambiques e congos; a formatação dos catupés se dará através de cantorias cujos dialetos lembram Angola e as danças de kalembe [críticas sociais] que surgem da influência do escravo angolano; as suas cantorias antigas diziam da vida dos negros: - *Orirá Kalungá* [cantar em kalunga] - *Makafo* cansado num *quékurimá*, *makafo* cansado, só *quere querá*, (velho cansado não quer trabalhar, velho cansado só quer descansar).

- Canto Angola - Vim de *ngola*, *golina* vá dá, lá na *zanzala*, vá fazêntan (vim de Angola, bebida vou dar e lá na senzala vou bater tambor); o catupé pode substituir o moçambique em seus compromissos e embora tenha surgido para representar o índio na maioria das cidades tomou-se impossível uma diferenciação, pois, as indumentárias indígenas foram substituídas por outras com detalhes mais africanizados.

**Moçambicão** - representa a árvore genealógica de um grupo familiar, bisavós avós, netos, sobrinhos, e somente os comandantes usam os bastões. O Moçambique original, quando adentra em uma residência para realizar cantoria de novenário, evita passar alguns instrumentos e materiais percussivos em baixo de um varal que esteja estendido no quintal; os

dançadores fazem que esses objetos passem acima dos arames e ao retomarem sempre em processo de recuo sem dar as costas para a residência em cuja sala ficam as imagens de Nossa Senhora e São Benedito, os moçambiqueiros repetem o mesmo ritual até chegarem à rua.

**Congo** - tradicionalmente é considerado o mais antigo de todos nos festejos, juntamente com o moçambique e os catupés; seu canto pode ser alegre ou triste e o ritmo musical alterna momentos lentos e rápidos dependendo da dança a ser executada, os instrumentos mais importantes são: caixa, tamborim, reco-reco, pandeiro e acordeon.

**Marinheiro** - A farda impecavelmente preparada simboliza a organização coletiva e individual da comunidade. Suas características musicais são muito similares às dos congos e possuem muitos dançadores que gostam de um batido forte, diferente dos demais. A potência dos instrumentos faz estremecer o ar por onde passam, é uma enormidade de maracanãs (caixas grandes), ripiliques (caixas menores), surdos e chocalhos. Os marinheiros homenageiam os mouros que utilizavam as marlotas, vestuário idêntico a uma capa curta - para esconder as espadas e evoluírem como em formação de guerra, batendo fortemente os seus tambores; em Uberlândia recebeu o nome de Marinheirão. Além disso, eram reconhecidos pela expressão mar abaixo simbolizando a chegada ao Brasil, como escravos desembarcados entre as ondas que açoitavam as praias.

**Marujos** - Os cantadores de cheganças ao visitar os devotos. Seus primeiros cantadores narravam os dias de lutas das expedições navais cristãs, contra os mouros - islâmicos da Mauritânia. Os dançadores descendiam dos caboclos - filhos de brancos e índios - que através de gestualidades, representavam os combates travados em pleno mar. No fim

do século vinte, os marujos apresentam danças adaptadas aos ritmos negros e músicas entusiastas ao louvar seus Santos protetores; o Azul de Maio em Uberlândia, tem a sua cantoria de chegada, "eu sou do Azul de Maio, eu vim te visitá."

**Penacho** - a maioria desses ternos executam apenas passos de marcação e utilizam várias coreografias, que são executadas pelo grupo que evolui em filas duplas.

**Vilão** - possui cantoria emotiva e alegre de acordo com o momento: chegada agradecimento, saída, encontro com alguém que respeita o terno. Sua dança retrata o combate da Rainha Ginga de Angola contra os portugueses e a luta dos mouros que são vencidos pelos cristãos.

**Folia de Nossa Senhora** - venera em versos sucintos, o poder da Virgem Maria, usando vocal melódico característico das folias de reis. A indumentária é muito simples; chapéu enfeitado com fitas multicores; camisas amarelas; calça preta, azul ou branca e um alferes com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. O primeiro capitão possui um tamborim e o segundo cantador se faz acompanhar de um violão e os demais componentes são: um sanfoneiro, quatro violeiros do lado direito e cinco pandeiristas do lado esquerdo, juntamente com um tocador de reco reco e outro de xique-xique; algumas mulheres dançadoras complementam a coluna da direita. Interessante salientar que essa folia se apresenta qual uma guarda de congo durante o seu evoluir processional e quando cessa o seu movimento progressivo, inicia-se harmonicamente através dos ritmistas, um inusitado foliar de reis junto aos breves responsáveis de louvor a Nossa Senhora.

**Camdombe** - Francisco do Congo Sereno de Rio Paranaíba diz que o Camdombe era "formado com a reunião dos comandantes de

outros ternos que realizavam encontro de congado fora dos tempos das festas e usando tambores eles faziam a Guarda de Camdombe com a missão de louvar em cantorias, os espíritos dos ancestrais escravos que morreram lutando pela liberdade de todos os negros africanos no Brasil”.

É riquíssimo o ritual do congado e cada região desenvolveu estilos próprios de representações bem como nomear seus instrumentos com nomes desconhecidos em outros lugares. Se em Uberlândia há o tambor chamado Surdão, surdo e surdinho existem localidade em que os tambores são chamados de "Jeremias, Santana e Santaninha"; principalmente em cidades que possuem algumas Guardas de Camdombes.

Ademais, tais características evidenciam os modos como os africanos se reinventaram na afrodiáspora africana, sendo que é possível perceber nos ritos, nas cantorias, na palavra expressa pela oralidade que denota a energia e o poder vital. A filosofia *Ubuntu* e o *Axé* são a manifestação da vida em suas várias dimensões.

### **O espírito da filosofia *Ubuntu* e do *Axé* nas Congadas no Brasil: a tradição viva**

A partir dos conceitos já delineados, é possível refletir acerca da relação entre o ritual do Congado na manifestação cultural e religiosa da Congada e o modo como os africanos que chegaram ao Brasil reinventaram a humanidade de si mesmos, após o desmanche de suas unidades culturais. O Congado e as Congadas apresentam mais que cultura religiosa, e sim a resistência política à destruição de suas matrizes africanas, e, sobretudo, a tradução das instituições africanas no contexto de escravidão colonial, cujo ponto fundamental é a criação de espaços de liberdade a partir do culto aos ancestrais, elemento

primordial da constituição do humano numa perspectiva afrodiáspórica.

Na Congada evidencia-se a ligação entre o homem e a palavra, nos termos de Hampaté Bâ (2010, p. 168), “nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra”. São muitos os fatores religiosos, mágicos e sociais que preservam a tradição oral, e podem-se verificar suas presenças no ritual da Congada. Conforme Hampaté Bâ (2010, p. 169), “a tradição oral baseia-se em certa concepção de homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo”. Diante disso, partir da tradição oral para refletir sobre a concepção do que é o homem é considerar uma determina visão, a africana, mas em sua correlação com o universo. Portanto, trata-se de uma reflexão filosófica.

Conforme já exposto na metodologia, a referência principal para essa reflexão é o filósofo Hampaté Bâ em seu texto *A Tradição Viva*, contudo, é importante considerar que ele delimitou bem o seu espaço de pesquisa, a tradição do *Komo* no Mali. Do mesmo modo, é importante delimitar e localizar nosso espaço de pesquisa, experiência e reflexão. Como também já explicitado, o nosso limite é a manifestação da Congada em Minas Gerais, especificamente em Uberlândia, considerando que há diversas formas da manifestação pelo Brasil, mesmo que seu eixo principal seja comum, a representação das três dimensões do humano, os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda não nasceram e energia do *Axé* presentes nas tradições orais africanas e afrodiáspóricas.

O processo comum de constituição do humano nas Congadas se dá da mesma forma como em outras culturas, conforme exposto por Queiroz:

A busca de resposta ao problema “o que é o homem?” levou as pessoas a racionalizar os dados captados junto à realidade. Do esforço empreendido surgiam ideias sobre as mulheres e os homens e suas presenças no mundo, configurando narrativas que lhes permitam dar algum sentido ao mundo e às

apropriações das coisas mundanas, a si mesmos e às interações entre os indivíduos e grupos. (QUEIROZ, 2019, p. 200).

Antes, porém, de adentrar um pouco mais no espírito do *Ubuntu* e no *Axé* na Congada, cabe destacar o que a Antropologia Filosófica tradicional, de matriz ocidental, tem refletido acerca das concepções de ser humano. De acordo com Lima Vaz (1991), há três concepções de ser humano: a visão metafísica, a visão histórico-cultural e a visão existencial.

Para a visão metafísica ocidental, o ser humano tem uma essência imutável, é alma racional que existe separada do corpo. Trata-se de uma concepção dualista, que tem como maiores expoentes Platão, os filósofos medievais e o moderno René Descartes. A visão histórico-cultural parte do pressuposto de que o ser humano é produto da cultura, isto é, pertence a um contexto sócio-cultural que o define. Percebe-se uma mudança de paradigma, se antes, o ser humano era compreendido como um animal racional, agora é um ser simbólico. Segundo a visão existencial, a existência precede a essência, sendo a existência também liberdade. Trata-se de existir com sentido, quando se dá a realização da própria vida. As três concepções visam responder a pergunta *Quem somos?*

A resposta é que somos seres que se manifestam em três dimensões: corporais, psíquicos e espirituais. Diante disso, a resposta ocidental não se distingue da que se encontra na tradição africana, mesmo que a visão amplamente difundida sobre o que é o ser humano seja a ocidental, que excluiu e continua em grande medida excluindo os não ocidentais.

Ademais, a tradição do pensamento metafísico yorubá e a metafísica dos povos Bantos apresentam outra perspectiva, não ocidental, mas africana e afrodiáspórica. A concepção da tradição oral africana, que integra as dimensões dos que já estão mortos (ancestrais), os vivos e os que ainda não nasceram é uma concepção ampla que abarca a comunidade como um todo, diferindo-se da concepção individualista ocidental. Contudo, ela não desconsidera o indivíduo, pelo contrário, ele está conectado

com o todo, uma vez que seus aspectos corporais, psíquicos e espirituais são fundamentais, pois é o que conecta o humano do presente com o seu passado e o seu futuro.

O espírito do *Ubuntu* e do *Axé* se manifesta de forma muito clara nas memórias retomadas pelos rituais da Congada, nos quais se pode perceber a força e o poder da palavra, da fala humana. Assim como Hampaté Bâ (2010, p. 173) afirma que de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma visão religiosa de mundo, a Congada no Brasil pode ser entendida como parte desse modo de ver e de experienciar o mundo. É também um modo mágico, ou seja, a manipulação das forças para restaurar o equilíbrio perturbado e restabelecer a harmonia perdida com as mutilações e espoliações decorrentes do processo de desumanização colonial. Lamentavelmente, a epistemologia europeia deu um sentido negativo à magia, embasando o racismo e a discriminação das culturas de matriz africana, sendo o principal exemplo a perseguição e a proibição legal do exercício da liberdade religiosa aos praticantes do Candomblé, normatizada no Brasil pelo Código Penal de 1890<sup>5</sup>.

Essas memórias estão presentes nas canções rituais e nos instrumentos. No caso da tradição *Komo*, observou-se que

Nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada como tendo o poder de agir sobre os espíritos, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, as potências da ação. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 174).

---

<sup>5</sup>Constituem-se como crimes: Art. 157 – Prática do espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública; Art. 158 - Ministar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazenda, ou exercendo assim o ofício do denominado curandeiro.

As palavras ao serem entoadas como canções rituais buscam repor as forças em ordem, representando o poder da palavra na cultura afro-brasileira. Brasileiro (2019b, p. 1) afirma que “a palavra é intermediária musical do fazer congadeiro. Ela se articula por diferentes formas por meio de cantorias nos rituais do Congado”. As cantorias podem ser demandas ou pontos cantados em momentos de fé, protestos e resistências.

Cantorias, demandas e memórias remontam à ancestralidade como pode ser notado a partir do ritual realizado pelos grupos de Moçambique durante as festividades em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, quando não viram as costas para a imagem da Santa ou para a comunidade anfitriã, cujo significado remete à antiga tradição africana de nunca virar as costas para os mais velhos.

As cantorias do capitão Baeti do Moçambique de Cachoeirinha em Rio Paranaíba – Minas Gerais testemunham as memórias da origem africana:

A nossa irmandade/vem de tradição/ Do  
tempo de Angola  
Desde a escravidão/Coro: Olelêingoma!  
Olelêingoma!

Nessa irmandade/ ninguém é melhor/ Na  
língua de Angola  
é uma coisa só/ Coro: Ô salve Maria! Ô salve  
Maria!

O negro de Angola/ não anda sozinho/Com  
Nossa Senhora  
ele abre caminho/ Coro: Oia que beleza! Oia  
que beleza!

Que vamos com Deus/ Vamos trabalhar/  
Viemos de Angola  
Viemos conga/ Coro: Oia que beleza! Oia  
que beleza!  
Negro veio de Angola/ só pra trabalhar/  
Chegou no Brasil  
Começou a conga/ Coro: Oia que beleza!  
Oia que beleza!

Veio o Rei Congo/ E a Rainha Conga/  
Chegou no Brasil  
Começou a lutar/ Coro: Oia que beleza! Oia  
que beleza!

Mesmo a escravidão/ Não pode matar/ Com  
a tradição  
Cultural do conga/ Coro: Oia que beleza!  
Oia que beleza!

Rainha Perpétua/ E o Rei Perpétuo/ Surgiu  
no Brasil  
Pra poder reinar/ Coro: Oia que beleza! Oia  
que beleza!

Ele vem de Angola/ Para trabalhar/ Coroa na  
mão  
Tem que respeitar/ Coro: Oia que beleza!  
Oia que beleza!

(CAPITÃO BAETI, 2006, Acervo Digital  
Jeremias Brasileiro)

Outra importante referência que testemunha essa ancestralidade  
é o poema de Jeremias Brasileiro:

D'África Dos Orisás

Da terra mãe brotaram os Orisás  
divindades energéticas  
forças vivas em constantes mutações  
consagração da vida – estagiários imortais  
mais avançados que homem vivo é capaz de  
incorporar.  
Orisás que guiam passos em qualquer canto  
da terra  
Energizações evoluídas atravessando  
gerações  
plantando em solo fértil uma fé inarrável  
broto enraizado – resistência milenar.

(BRASILEIRO, 1996, p. 13)

É possível perceber o mágico da dimensão espiritual, que compõe o humano, em diversas cantorias, como esta executada pelo Congo Catupé do Bairro Mansour, no ano de 2012:

Valeu/ Valeu/ Salve o congo de Aruanda/  
Valeu/ Valeu/ Congo que venceu demanda/  
Lá vem Maria Conga/costurando o paletó/  
com agulha de arame/uma linha de cipó/  
Valeu/ Valeu/ Salve o Congo de Aruanda/  
Valeu/ Valeu/ Congo que venceu demanda.  
(IRÊNIO SILVA, 2012. In: BRASILEIRO,  
2018b, p. 69).

De acordo com Brasileiro (2018b), esse canto apresenta o mítico espiritual e material, o que remete à concepção africana da existência que não separa material e espiritual. O primeiro por fazer alusão à Maria Conga, personagem cultuada em diversos terreiros de Umbanda. O segundo por recorrer à memória de religiosidades para se reconectar a um passado distante transmitido de geração a geração por meio da oralidade. É a tradição viva presente na manifestação cultural e religiosa da Congada.

A força da tradição oral é o sustentáculo da tradição da Congada, representada por seus mais velhos e suas mais velhas, como Dona Gessy, Mãe de Santo e do grupo Marinheiro de São Benedito em Uberlândia, considerada pela comunidade e pelo historiador e mestre congadeiro Jeremias Brasileiro, uma guardiã da tradição, um espírito vivo dos ancestrais de Congo-Angola. Ao responder à pergunta *De onde a senhora vem?* Respondeu: “venho dos congos de Angola, não sei quanto tempo foi, quando foi que cheguei aqui, mas foi um tempo muito longe, longe dessa matéria (corpo) que carrego aqui” (DONA GESSY. In: BRASILEIRO, 2019a, p. 145).

Assim como as cantorias, “os ofícios artesanais orais são os grandes vetores da tradição oral” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.185). Hampaté Bâ acrescenta que a atividade artesanal exercida na tradição *komo* deveria “repetir” o ritual da criação,

portanto, deveria respeitar os rituais. Em relação ao ofício de ferreiro, “antes de começar o trabalho, invoca os quatro elementos-mãe da criação (terra, ar, terra e fogo), que estão obrigatoriamente representados na forja: existe sempre um receptáculo com água, o fogo da fornalha, o ar enviado foles e um montículo de terra ao lado da forja” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 187). Não é diferente com a tradição da Congada, no que diz respeito à confecção dos instrumentos musicais e dos bastões. Há todo um ritual a ser seguido, sendo que a confecção dos instrumentos e bastões não pode ser realizada por qualquer pessoa, existem os congadeiros que são os guardiões desse saber tradicional. Os instrumentos representam a resistência dos escravizados, por exemplo, os patagomes realizam o movimento da bateia, instrumento utilizado no garimpo pelos negros escravizados, libertos e livres que trabalhavam nas minas (BRASILEIRO, 2008; BRASILEIRO, 2017; TV Integração, 2019).

Retoma-se aqui o objetivo anunciado no início desta reflexão: compreender a recriação do humano africano na afrodiáspora. Qual a relação do ofício artesanal da confecção de instrumentos para a Festa da Congada com o que é ser humano numa perspectiva africana? Hampaté Bâ (2010, p. 189) contribui mais uma vez: “o ofício ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem”. Portanto, a tradição oral não pode ser resumida a transmissão de narrativas, mas entendida como geradora e formadora de um tipo particular de homem, geradora de civilização. Na Congada, a confecção de bastões, instrumentos e artefatos representa muito bem a presença dessa concepção africana de ser humano, em todas as suas dimensões.

Os tamborins são os instrumentos tradicionais mais antigos da Congada, sendo que a presença mística é associada com a morte, e, além disso, observa-se o encantamento e poder da palavra através das cantorias de improviso em grupos de congos e moçambiques. O rufar dos tambores e tamborins remete a um ritual de reminiscências por meio do canto (BRASILEIRO, 2019b, p. 4). Desse modo, o rufar dos tambores e tamborins e muitas cantorias evidenciam o ritual de despedida

de um detentor do saber que se vai do mundo dos vivos, mas exalta o que dará continuidade a tradição e do *Axé* e terá como incumbência sua transmissão, garantindo o futuro.

A morte não prescinde de um ritual permeado apenas de tristeza, pois o que é fúnebre pode ser ao mesmo tempo um motivo de revivência que em alguns momentos rituais da Congada se evidencia por meio de cantorias de adeus a um capitão que se vai e de boas-vindas a outro praticante que continua a tradição (BRASILEIRO, 2019b, p. 4). A continuidade da tradição não ocorre sem a transmissão, cuja máxima Hampaté Bâ (2010, p. 181) expõe: *Fulano me ensinou assim!* Na Congada, esse princípio é expresso da seguinte forma: “Conto aquilo que me passaram, se é verdadeiro ou não, foi mais ou menos assim que me passaram” (CAPITÃO VALTER. *In*: BRASILEIRO, 2012b, p. 128).

Acerca da importância e o significado dos tambores e das caixas do Congado, Lucas (2002, p.87) explicita que:

São representantes, verificados no Congado, realça a permanência do termo “ingoma” nos rituais do Reinado de Nossa Senhora. O sentido de “ingoma” se transforma e é ampliado nesse contexto, restando a palavra, carregada de força, que assume significados variados. “Ingoma” pode designar o grupo de dançantes do Congado, ou ser referência, ou um chamado, aos componentes do Moçambique, podendo expressar também a herança recebida dos antepassados.

Os bastões são elementos basilares da Congada, pois representam a ancestralidade, a energia vital do *Axé* e as três dimensões da existência humana, os mortos (ancestrais), os vivos e os que ainda não nasceram. Representam, do mesmo modo, os elementos constitutivos da criação (terra, ar, água e fogo), a natureza em sua plenitude. Os bastões, também denominados *minkisi*, eram comuns na África Centro-Occidental. Eles incorporavam as qualidades da entidade divina a qual representava e que eram meio de contato. No tempo presente, é

possível encontrá-los em festas muito antigas, como é o caso da Festa da Congada em Uberlândia, considerando que a sua existência está condicionada a um saber, significação e ritual de origem africana transmitido oralmente pelas gerações anteriores (SOUZA, 2002, p. 65 apud BRASILEIRO, 2009, p. 21).

De acordo com Brasileiro (2008), tudo indica que os bastões evoluíram de armas de combate para símbolos de poder e status social. Os bastões, cajados, cetros, caduceus e varas são objetos ritualísticos utilizados por diversas culturas e religiões com diferentes significados. O cetro é um símbolo de poder utilizado pelos reis. O cajado é utilizado pelos pastores e também é tido como símbolo de magia. O bastão é um instrumento de ataque e de defesa, e simboliza também a detenção do comando de uma situação. Trata-se de um símbolo fálico, emblema de poder e controle do poder, pois representa a vontade e a força, cuja função é a invocação e também direção, controle e corte de energias. No que diz respeito ao formato, podem ser no formato de cobra; outros possuem imagens de Pretos Velhos; outros com imagens de Nossa Senhora Aparecida, Santa Efigênia e São Benedito, crucifixos e inscrições diversas feitas de cetim. Alguns são enfeitados com contas de lágrima ou com ervas (alecrim, arruda, espada de São Jorge).

Outras considerações de Jeremias Brasileiro são importantes para se compreender o papel da memória ritual que envolve tanto as cantorias, a palavra, quanto os instrumentos, neste caso, o bastão:

Essa memória espiritual do Reino do Congo, que se faz tão presente em Minas Gerais, redimensionada nas ritualidades incorporadas pelos Ternos de Congado, demonstra que os grupos étnicos chegados ao Brasil, por meio de um processo escravista, não trouxeram apenas suas massas corporais destinadas ao trabalho forçado. Com isso, toda uma ancestralidade cultural teria acompanhado esses povos durante as travessias transatlânticas. (BRASILEIRO, 2009, p. 22).

Ainda nesta esteira, o autor e mestre congadeiro cria sua poética ritual:

Bastão Maria Preta

I

Sô negro de Angola, Guiné Moçambique  
Sô banto mineiro eu sô congadeiro.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

O bastão que eu trago tem muita história  
É nossa memória do Congo e de Angola.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Tem caixa de Congo, tem caixa de Angola  
Tem conta de choro de Nossa Senhora.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Esse bastão é muito bonito  
Do tempo dos velhos da linha d'Angola.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Charqueada fez, Abel comandou  
Na frente do Congo vai continuar.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Tem coisa que eu conto, tem coisa que eu falo  
Mas tem outra coisa que não vou contar.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

II

Eu sou marinheiro da linha do mar  
Da língua mandinga que vem pra cantar.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Zumbi de Palmares vem pra guerrear  
Quilombo de Ambrósio também guerreou.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

Mas São Benedito nasceu na Itália  
Negro congadeiro dessa culinária.  
Aruê! Aruê! Aruê! Aruê! Arriba (bis)

(BRASILEIRO, 2018c, p. 60)

Os textos rituais e a tradição artesanal são investidos de *Axé*, bem como se inserem na perspectiva *Ubuntu* de concepção do humano, isto é, *Eu sou porque nós somos*. O próximo tópico almeja discutir essa questão e intenta apresentar possíveis respostas à pergunta que inicialmente conduziu esta reflexão.

## Considerações Finais

### As dimensões do humano e a perspectiva de futuro

Conforme já exposto na Introdução, o projeto colonial de desumanização dos africanos e descendentes não teve êxito apesar dos danos irreparáveis à sua condição humana na afrodiáspora. Tal projeto é evidenciado por Noguera:

Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações [...] os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como os menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embasar a escravização negra. [...] Conforme os discursos racistas, numa “escala de humanidade”, os povos negro-africanos e nativos da Oceania e seus descendentes estariam no degrau mais abaixo. (NOGUERA, 2014, p. 25-26).

Embora a referência ao filósofo alemão Geog. W. Friedrich Hegel pareça a princípio exaustiva, ainda é necessário retomá-la em uma reflexão que se proponha a ser antropológica, considerando que sua filosofia da história teve papel fundamental na compreensão da razão metonímica ocidental, a base do epistemicídio (CARNEIRO, 2005), ou seja, determinou

quem poderia ser considerado o humano, o civilizado, o sujeito histórico.

[...] a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade física, como Deus, como leis [...] negro representa, como já dito, o homem natural, selvagem e indomável [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistentes. (HEGEL, 1999, p. 83-86).

As filosofias produzidas em África e na afrodiáspora têm contribuído sobremaneira para romper essa falácia iluminista. Ampliando um pouco mais a reflexão proposta, a unidade entre as dimensões material e espiritual está presente nas Congadas. A partir dessa manifestação, é possível perceber a existência do africano inseparável do *Ubuntu* e do *Axé*, sendo esse o elo constitutivo que tornou possível a sobrevivência dos africanos que chegaram ao Brasil, uma vez que estavam conectados pelas raízes africanas. Foi o modelo de relações construído pelos africanos escravizados e seus descendentes na afrodiáspora que construiu e reconstruiu a humanidade e a liberdade, o que se deu em reconhecimento à humanidade uns dos outros, o motor contra o processo de desumanização promovido pelo brutal regime colonial e escravista.

Compreender o que é o ser humano pressupõe compreender o sentido da existência humana na filosofia *Ubuntu*, conforme já exposto, as dimensões da existência humana: os vivos – a vivência, os mortos – a ancestralidade, os que irão nascer – a continuidade/o futuro. Para que esse movimento seja possível, o *Axé* é fundamental, considerando que se trata da energia vital que permite a existência. Nossos antepassados cultivaram o *Axé*, vendo a desumanização a partir de sua espiritualidade e da religião.

O cultivo da dimensão espiritual do humano munuiu os africanos e descendentes da força necessária para resistirem e continuarem a existir e viver. Essa condição tornou possível a

existência do futuro no período pós-Abolição, no qual o projeto político da nação objetivava o branqueamento da população a partir do extermínio da presença negra, o que pode ser atestado pelas políticas de imigração, de criminalização das religiões e práticas culturais afro-brasileiras e a desumanização de homens, mulheres e crianças negras. Os sujeitos históricos nas Congadas expressam de forma marcante essas dimensões, material e espiritual. O humano está no mundo material, mas se sustenta e vive pelo *Axé*, a espiritualidade.

Conforme já demonstrado, ao reinventarem a humanidade africana em território brasileiro, os africanos tiveram como base o *Ubuntu* e o *Axé*, visões que permitiram a continuidade da tradição viva, sendo cultivada, salvaguardada e transmitida a partir das religiões afro-brasileiras, sobretudo o Candomblé, e nas Congadas, que estão diretamente relacionadas às Irmandades Negras. Nesse contexto, os negros descendentes de antepassados africanos, puderam continuar a desenvolver todas as suas potencialidades humanas, física, psíquica e espiritual. Mesmo diante da impossibilidade da liberdade jurídica, construíram a liberdade simbólica, importante instrumento de resistência na luta abolicionista e ainda o é na luta contra o racismo no período pós-Abolição.

Em suma, a dimensão espiritual do humano é o eixo norteador que tornou possível a existência futura. Por isso, o culto aos ancestrais foi, e ainda é muito forte nas Congadas no Brasil, sendo testemunho fundamental das filosofias que orientaram nossos antepassados africanos na diáspora. Nesta manifestação cultural e religiosa afro-brasileira se dá afirmação das filosofias *Ubuntu* e do *Axé*, da vivência, a partir da existência dos vivos, que são os guardiões da tradição, do culto aos ancestrais e responsáveis pela transmissão que torna possível o futuro e a existência dos não nascidos. Esta reflexão dá apenas os primeiros passos de uma contribuição que pretende ser uma antropologia filosófica, tecendo alguns pontos da construção de uma Ontologia, cujas referências sejam a partir da matriz existencial africana. Trata-se de uma ética, um projeto de futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Audiovisual

**A história da Congada através dos instrumentos.** TV Integração, 12 out 2019.

[https://globoplay.globo.com/v/7997793/?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=share-bar&fbclid=IwAR0U9EdFWmgot\\_umD9wONr1QIhSeA7EwmWu1gvt2fnblHpQNgE6N0yyEsPw](https://globoplay.globo.com/v/7997793/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar&fbclid=IwAR0U9EdFWmgot_umD9wONr1QIhSeA7EwmWu1gvt2fnblHpQNgE6N0yyEsPw). Acesso em 09/01/2020.

**Instrumentos da Congada.** BRASILEIRO, Jeremias. TV Paranaíba. Uberlândia, maio de 2017. Banco de dados em audiovisuais. Acervo Digital/Jeremias Brasileiro.

**Reis de Contas**, com abordagens sobre as Congadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Direção e Animação: Waltuir Alves. Produção; Franciele Diniz e Waltuir Alves. Cinegrafia: Raquel Tibery e Waltuir Alves. Realização: Projeto/Encantar. Uberlândia, 2007. Suporte em Mídia Digital e DVD vídeo, som, color, 53:20' (NTSC).AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=txZgkvhkqH0>

**Filosofia Africana.** PONTES, Katiúscia Ribeiro. África e Diáspora: História e Cultura, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EdYSCzpA8kg&t=336s>. Acesso em: 08/01/2020.

### Entrevistas

CAPITÃO BAETI. **Cantorias Capitão Baeti**, 2006. Acervo Digital/Jeremias Brasileiro.

CAPITÃO VALTER. In. BRASILEIRO, Jeremias. **Manifestações Culturais Afro-brasileiras: o congado na sala de aula.** In: Formação dos professores no Vale do Mucuri:

história e cultura da África e Afro-brasileira. Goiânia: Editora Conceito, p. 121-130, 2012b.

DONA GESSY. *In*: BRASILEIRO, Jeremias. **Ler Imagens – Contar Histórias**: cronivivências de uma cidade em preto e branco. Uberlândia, Minas Gerais: Editora Subsolo, 2019.

IRÊNIO SILVA. *In*: BRASILEIRO, Jeremias. A Rebelião Cantante: quando a tática de enfrentamento desconstrói a disciplina institucionalizada. **Revista Emblemas**, v. 15, n. 1, 2018b.

### **Bibliografia**

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 (**Código Penal de 1890**). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 08/01/2020.

BRASILEIRO, Jeremias. **Ler Imagens – Contar Histórias**: cronivivências de uma cidade em preto e branco. Uberlândia, Minas Gerais: Editora Subsolo, 2019a.

BRASILEIRO, Jeremias. **O poder da palavra na cultura afro-brasileira**: cantorias nos rituais do Congado de Minas Gerais. 2019b. No prelo.

BRASILEIRO, Jeremias. Coexistência Cultural e Religiosa: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular. **Revista Relicário do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia**, v. 5, n. 10, p. 35-51, jul/dez (2018a).

BRASILEIRO, Jeremias. A Rebelião Cantante: quando a tática de enfrentamento desconstrói a disciplina institucionalizada. **Revista Emblemas**, v. 15, n. 1, 2018b.

BRASILEIRO, Jeremias. **Negro Forro Liberto Vigiado**. Uberlândia: Editora Subsolo, 2018c.

BRASILEIRO, Jeremias. Manifestações Culturais Afro-brasileiras: o congado na sala de aula. *In: Formação dos professores no Vale do Mucuri: história e cultura da África e Afro-brasileira*. Goiânia: Editora Conceito, p. 121-130, 2012b.

BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do congado – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012a, 193f.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congado: um fluxo contínuo de revitalização cultural**. Uberlândia: Editora Aline, 2009.

BRASILEIRO, Jeremias. **Palestra sobre Patrimônio Cultural Imaterial: Bastões**. Oficina Cultural de Uberlândia, maio de 2008. Acervo Digital Jeremias Brasileiro.

BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

BRASILEIRO, Jeremias. **Névoa Amarela e os Origás**. Uberlândia: Prefeitura Municipal, Biblioteca Pública Municipal, 1996.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 339p.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjetivação**. Moçambique: Sociedade Editorial Nadjira Ltda, 2010.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário**: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. *In: História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Editado por Joseph Ki Zerbo, 2. Ed. Ver. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

HEGEL, Georg W. **Filosofia da História**. Tradução de Maria Rodrigues, Han Harden. Brasília: UnB, 1999.

MACHADO, Adilbênia. Filosofia Africana. *In: Filosofia (as) sobre múltiplos olhares: Filosofia (as) para tempos presentes*. Jeferson Luís de Azevedo, Joel Decothé Jr., William Costa. Criciúma, SC: UNESC, 2019, p. 99-115.

NGOENHA, Severino. Concepções Africanas do Ser Humano. *In: Pensamento Engajado: ensaios sobre filosofia africana, educação e cultura política*. Maputo: Editora EDUCAR, Universidade Pedagógica, 2011, p. 183-196.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

NOGUERA, Renato. Denigrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, v. 4, n. 2, p. 1-19, dezembro/2011.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, v. 3, n. 6, p. 147-150, Nov/2011 fev/2012.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Epistemologia da Ancestralidade**. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo\\_olivei](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_olivei)

[ra - epistemologia da ancestralidade.pdf](#). Acesso em: 08/01/2020.

OLIVEIRA, Lorena Silva. A Filosofia Africana como projeto de futuro. *In: Filosofia(s) sobre múltiplos olhares [recurso eletrônico]: filosofia(s) para tempos presentes*. Jeferson Luís de Azeredo, Joel Decothé Jr., William Costa (Organizadores). Criciúma, SC: UNESC, 2019, p. 116-134.

OMOREGBE, Joseph. AfricanPhilosophy: yesterdayandtoday. *In: EZE, Emmanuel Chukwudi* (Organizador). **AfricanPhilosophy: anantohology**. Oxford: Oxford: Blackwell, 1998.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, Escolas e Arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10.639**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2017, 93f.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. Genocídio do povo negro e bioética: uma questão antropológica. **Problemata Rev. Intern. Fil.** V. 10, n. 2, p. 195-211, 2019.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. Educar para o Axé: elementos para um modo de ser africano. *In: Tecnologia e sociedade: (im)possibilidades*. Gilson Leandro Queluy [et al]. Curitiba: Torre de Papel, 2003, p. 121-137.

RAMOSE, Mogobe. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999a.

RAMOSE, Mogobe. **A filosofia Ubuntu e Ubuntu como uma filosofia**. African Philosophy through Ubuntu. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcelos. Harare: Mond Books, 1999b, p. 49-66.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagôs e a morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Egun na Bahia.** Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SANTOS, Vanilda Honória dos. Uberlândia no roteiro da reparação histórica da escravidão: a Praça do Rosário como Lugar de Memória. **V Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. “XX anos do Curso de Ciências Sociais UFU”**, realizado na Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais, de 21 a 24 de novembro de 2017.

SOUZA, Marina de Melo. **Reis Negros no Brasil escravista: História da festa da coroação de Rei Congo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 65.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica I.** 3ª ed. corrigida. São Paulo: Loyola, 1991.